

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

2010

Anna Caterina Antonacci
SOPRANO

Donald Sulzen
PIANO



PATROCÍNIO



Anna Caterina Antonacci

SOPRANO

Ser comparada à inesquecível Maria Callas é certamente uma grande honra, mas também um enorme desafio. E é de grandes desafios que se compõe a trajetória iniciada por Anna Caterina Antonacci na década de 1980, após vencer três importantes concursos musicais. Musicista impecável, dona de timbre vocal único e extraordinário talento dramático, Anna Caterina Antonacci estudou no famoso Conservatório de Bolonha e causou sensação em Paris em 2003, ao interpretar Cassandra em produção de *Les Troyens*, de Berlioz, regida por Sir John Eliot Gardiner.

Já em 1991, sua surpreendente interpretação da *Ermione* de Rossini, em Roma, encantaria público e crítica, abrindo-lhe as portas para os grandes centros operísticos mundiais. De lá para cá, Antonacci vem se apresentando com enorme sucesso em palcos como os do *Châtelet*, do *Théâtre des Champs-Élysées* e da *Ópera Comique*, de Paris, da *Ópera de Marselha*, do *Teatro Regio* de Turim, do *La Scala* de Milão e do *Teatro San Carlo* de Nápoles, da *Royal Opera House* e do *Wigmore Hall* londrinos, do *Grand Théâtre* de Genebra e da *Ópera de Colônia*, além de em importantes festivais de elevado renome internacional, como o *BBC Proms* e o *Tanglewood Music Festival*.

Dentre regentes e orquestras com os quais Anna Caterina Antonacci atua regularmente encontram-se, por exemplo, Riccardo Muti, Claudio Abbado, Riccardo Chailly, Antonio Pappano, James Levine, Yannick Nézet-Séguin e François-Xavier Roth, à frente de *ensembles* como a Orquestra Sinfônica de Boston, a *Orchestre National de France*,

a *Tonhalle* de Zurique, a Orquestra Filarmônica de Roterdã e a Orquestra Nacional da BBC de Gales.

Nas palavras do conceituado *The Times*, de Londres, “*Carmen* jamais soou tão revolucionária, romântica e vibrante” como na voz dessa excepcional soprano italiana, capaz de, além da heroína de Bizet, interpretar com a mesma maestria a Elisabetta de Donizetti (*Maria Stuarda*), a *Medea* de Cherubini, *Alceste* e *Armide* de Gluck, Donna Elvira e Fiordiligi de Mozart (*Don Giovanni* e *Così fan tutte*) ou os papéis criados por Rossini, como Rosina e Ninetta (*O Barbeiro de Sevilha* e *La gazza ladra*).

Semelhante aclamação crítica tem recebido seu desempenho como concertista e recitalista que se move com desenvoltura em meio a vasto repertório, estendendo-se do Barroco a Wagner e Shostakovich. De fato, em seus concorridos recitais, Anna Caterina Antonacci desperta igual admiração, como já ocorreu em produções como *Era la notte*, registrado em álbum bastante aclamado pela crítica musical especializada, e *Altre stelle*, uma coleção de árias barrocas francesas. *Echi della Belle Époque*, o recital desta noite, inclui São Paulo numa agenda de apresentações que passa também pelo *Grand Théâtre* de Genebra, pela *Ópera de Colônia*, pela *Ópera Comique* de Paris, pelo *Teatro San Carlo* de Nápoles e pelo *Kennedy Center* de Washington.

Anna Caterina Antonacci foi recentemente agraciada com o título de *Chevalier de l'Ordre National de la Légion d'Honneur*, comenda máxima concedida pelo governo francês.

Donald Sulzen

PIANO

O norte-americano Donald Sulzen é um dos poucos pianistas do circuito erudito internacional reconhecido por seu elevado desempenho em pelo menos dois domínios distintos da chamada música de concerto. Além de colaborar regularmente com artistas do mais elevado gabarito, como é o caso de Anna Caterina Antonacci, Sulzen destaca-se também como integrante do renomado *Münchener Klaviertrio*, o aclamado *ensemble* sediado na cidade alemã de Munique.

Nascido em Kansas City, Sulzen deu início a seus estudos musicais em universidades norte-americanas. Depois de graduar-se com distinção na *École Normale de Musique* de Paris, retornou aos Estados Unidos para, sob a orientação de Joseph Banowetz e Harold Heiberg, adquirir o grau de Mestre em Música na *University of North Texas*. De volta à Europa, especializou-se no *Lied* alemão por intermédio de *master classes* ministradas por musicistas tais como Martin Katz, Geoffrey Parsons e John Wustman, concluindo assim sua formação musical.

Uma movimentada agenda o conduz regularmente às mais prestigiosas salas de concerto da Europa, dos Estados Unidos, da América do Sul e do Japão, além das numerosas apresentações que costuma fazer para o rádio e a televisão. Sua discografia de mais de trinta títulos documenta o alto nível artístico alcançado por esse renomado pianista, que, com o *Münchener Klaviertrio*, tem registrado em estúdio obras de Franz Josef Haydn, Alberto Ginastera, Ned Rorem e Astor Piazzolla, dentre outros.

Depois de lecionar durante muitos anos em Salzburgo, Sulzen assumiu uma cadeira na Escola Superior de Música e Teatro de Munique, cidade onde hoje reside. Como professor, ministra ainda *master classes* para cantores e pianistas por Europa, Japão e Estados Unidos, em instituições como, por exemplo, a Universidade Yale.

Laura Aikin, Julie Kaufmann, Marilyn Schmiege, Thomas Cooley e David Daniels, além de Anna Caterina Antonacci, são alguns dos privilegiados artistas que têm podido contar com a colaboração de seu notável piano, caracterizado pelo conceituado *Süddeutsche Zeitung* alemão como “inteligente e brilhante”.

SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo

20 de julho, terça-feira, 21H

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo

22 de julho, quinta-feira, 21H

Écos da Belle Époque

GABRIEL FAURÉ (1845-1924)

c. 12'

Cinq mélodies de Venise, opus 58 (Paul Verlaine)

Mandoline

En sourdine

Green

À Clymène

C'est l'extase

REYNALDO HAHN (1874-1947)

c. 15'

Mélodies françaises

Tyndaris (*Études latines*, Leconte de Lisle)

Phyllis (*Études latines*, Leconte de Lisle)

Fumée (Jean Moréas)

L'énamourée (Théodore de Banville)

Le printemps (Théodore de Banville)

ALFRED BACHELET (1864-1944)

c. 5'

Chère nuit (Eugène Adénis)

INTERVALO

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

2010

PAOLO TOSTI (1846-1916) *c. 14'*

My memories (Clifton Bingham)
Love me! (Githa Sowerby)
Summer (Malcolm Salaman)
Once more! (Githa Sowerby)
Love's way (Ethel Clifford)

PIERADOLFO TIRINDELLI (1858-1937) *c. 1'*

Amor, Amor! (Ada Negri)

PIETRO CIMARA (1887-1967) *c. 1'*

Scherzo (Carlo Zangarini)

ARTURO TOSCANINI (1867-1957) *c. 1'*

Nevrosi (Rocco Pagliara)

OTTORINO RESPIGHI (1879-1936) *c. 10'*

Tre canti all'antica (Giovanni Boccaccio)
L'udir talvolta
Ma come potrei
Ballata
Pioggia (Vittoria Aganoor Pompili)
Nebbie (Ada Negri)

RICCARDO ZANDONAI (1883-1944) *c. 4'*

"Paolo, datemi pace!" (*Francesca da Rimini*, Tito Ricordi)

PRÓXIMOS CONCERTOS

Sala São Paulo

HONG KONG SINFONIETTA

YIP WING-SIE Regência

COLLEEN LEE Piano

Série Branca, 14 de agosto, sábado

Chan Hing-yan Hark the Phoenix Soaring High

Chopin Concerto nº 2

Schumann Sinfonia nº 4

Série Azul, 16 de agosto, segunda-feira

Ng Cheuk-yin White

Prokofiev Concerto nº 8

Shostakovich Sinfonia nº 9

Sala São Paulo

MUSICA ANGELICA

Série Branca, 20 de setembro, segunda-feira

Série Azul, 22 de setembro, quarta-feira

Haendel, Gluck, Mozart e Haydn

Informações e ingressos:

(11) 3258 3344

Vendas online:

www.culturaartistica.com.br

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2010 encontra-se disponível em nosso site uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

A canção *artística*, assim denominada a fim de se distinguir, estrategicamente, da também notável canção *popular*, existe há muitos séculos. E, em cada momento da história, ela tem sido um gênero musical que, em seus pontos altos, costuma associar, de maneira criativa e nem sempre convencional, as conotações do mundo imponderável dos fios melódicos às narrativas fantasistas, repletas de voos da imaginação, provocados pela leitura de textos poéticos de variável qualidade literária. A cintilação nascida desse encontro estabelecido entre música e poesia costuma atingir diretamente o coração do ouvinte mais sensível, gerando aí uma deleitável comoção. Por vezes, essas canções soam de maneira tão expressiva que nem é preciso conhecer muito bem a língua em que são cantadas para poder degustar o seu sabor, penetrar o seu encantamento.

Há também uma outra espécie de canção, que pode ser posta entre as duas que acabam de ser citadas, a *artística* e a *popular*. Trata-se das *mélodies de salon*, as canções de salão que existem, além dos modelos franceses, em exemplares italianos (*romanze*), ingleses (*ballads*) e alemães (*Salonlieder*). Criadas na esfera da arte mais séria, as canções de salão seriam posteriormente transplantadas pela música que hoje chamamos de “popular”. É claro, depois de haverem passado uma boa temporada nos velhos *cabarets*, *night clubs* e em outros lugares em que os boêmios se encontravam. Inicialmente, essas canções eram destinadas ao entretenimento passageiro, compostas especialmente para agradar o público pouco conhecedor da arte musical, como aquele que costumava frequentar os suntuosos salões aristocráticos e burgueses das principais cidades europeias. Seu período de expansão: as duas décadas finais do século XIX e o período imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial.

Essas canções “leves”, “ligeiras”, eram portadoras de uma linha melódica que a memória guardava com facilidade, posta sobre harmonias simples e claras, um gênero de canção que em geral se baseava em textos sentimentais ou picantes. Costumavam tratar o amor em pauta sentimental, mergulhando tal sentimento em exagerados banhos de mel, e faziam referências às emoções mais suaves e confortáveis, rejeitando tudo que

fosse mais dramático. E mais: tratavam a voluptuosidade com um bocado de falso moralismo, ou então de maneira cifrada, acessível apenas aos “iniciados” e aos então denominados “espíritos perversos”.

No final do século XIX, as melodias de salão europeias conheceram sua época de ouro, nos tempos em que também floresceram a estética *art nouveau*, tendência ornamental e orgânica que se manifestou sobretudo na arquitetura e nas artes plásticas, o igualmente pictórico pós-impressionismo, de dissolvente beleza, e o poderoso, misterioso e hermético simbolismo literário. Para alguns, essa nova febre de canções brejeiras era apenas uma manifestação da arte *decadente* que marcava o esteticamente conturbado *fin de siècle*. Para outros, essas miniaturas canoras eram bem o reflexo de uma nova era, produto da fartura econômica trazida pela industrialização e pela exploração das colônias africanas e asiáticas, que tornavam mais fácil e cômoda a vida burguesa. Claro: a Europa daquele período passava por uma fase de especial abundância, de riqueza sobretudo material.

Quase toda essa elegante, sentimental e comunicativa produção de canções evaporou-se, levada pelos ventos sombrios da Primeira Guerra, de 1914-1918. Depois dessa descomunal tormenta, tais canções passaram a habitar principalmente os corações saudosos daquele mundo cuja inocência desconhecia ou fazia questão de ignorar os horrores da abominável conflagração. Além do mais, as vanguardas das primeiras décadas do século XX haviam colocado muitas delas no ridículo, vendo-as como mera produção *kitsch* destinada ao consumo imediato e à obtenção de lucro fácil e sem culpa. Ainda assim, as canções sobreviveram, graças sobretudo a intérpretes de sensibilidade especial, que as mantiveram em seus repertórios, para o deleite de tantas e tantas plateias sonhadoras — ou ironicamente observadoras e bem-humoradas.

Hoje, as *mélodies de salon* costumam ser apresentadas em pauta amorosa e bastante cuidada. Alguns artistas que reúnem invejável técnica e beleza da matéria vocal, além de indiscutível musicalidade, dão ao gênero um brilho notável.

É assim que elas voltam a brilhar, soando como pura novidade, ainda que tenham pertencido àqueles turbulentos tempos de grandes mudanças estilísticas e, também, de estilo de vida das décadas do *art nouveau*. Foi recolhendo cuidadosamente canções lapidares desse velho baú de preciosidades que Anna Caterina Antonacci enfileirou as canções de salão para o seu recital paulista, em formato que ela já exibiu, com enorme sucesso, na Europa. A cantora tratou de contrastar esses exemplares ligeiros com algumas obras-primas de criação bem mais séria e elevada, conseqüentemente fornecendo à plateia um espetáculo muito especial, entre sério e risonho.

Tendo escrito uma centena de canções, passando dos velhos *romances* românticos de formas fixas às mais modernas *mélodies*, compostas com grande liberdade, GABRIEL FAURÉ (1845-1924) foi a mais importante figura da canção artística francesa de seu tempo, admirado até mesmo pelos radicais Debussy e Ravel. A sutileza, o refinamento e a inventividade de suas peças dão o tom a um estilo pessoal contido e reticente, que seria depois muito imitado. Especialmente lindas e enormemente requintadas são as *Cinco Melodias de Veneza*, *opus* 58, de 1889. Elas foram dedicadas à princesa Edmond de Polignac, que hospedava o músico e sua mulher na cidade lagunar. Feitas sobre langorosos poemas do simbolista Paul Verlaine (1844-1896), elas contêm uma sedutora sensualidade que demarca um país no qual só é proibido ser banal e vulgar. Uma serenata galante realizada sob as noturnas ramagens cantantes; uma confissão amorosa sussurrada sob o recolhimento da copa de uma árvore frondosa; uma delicada oferenda de flores e frutos à amada, que observa o amado chegar ainda coberto de orvalho da manhã; o embalar de uma barcarola apaixonada e mística, e a fadiga amorosa de violência contida — esses são alguns dos “assuntos” dessas canções inesquecíveis.

Nascido em Caracas, de mãe venezuelana e pai alemão, REYNALDO HAHN (1874-1947) foi transferido ainda criança para Paris, cidade na qual passou a maior parte de sua existência, adotando mais tarde a nacionalidade francesa. Muito cedo, chamou a atenção da sociedade pela vivacidade do seu *esprit* e pela facilidade de sua veia criativa, aperfeiçoada no *Conservatoire* que frequentou como aluno de Gounod, Saint-Saëns

e Lavignac. Ali, Massenet colocou o talento desse adolescente nas alturas. Muito rapidamente, “*le petit Reynaldo*”, como era chamado nas rodas requintadas, ganhou reputação graças a suas canções escritas de maneira muito elegante e em um estilo preciosista, de *charm* um bocado fácil, mas verdadeiro. Começou a escrever canções e música para a cena ainda bastante jovem, indo do tom sério ao frívolo, sempre com muita naturalidade. (Sua maior paixão musical foi Mozart.) Essa “voz clara e sensível” (Proust), além de muito agradável, fazia enorme sucesso nos salões *chics* e, como regente, Hahn era aplaudido também pelo tom prestimoso de suas interpretações. Dentre suas *Mélodies françaises* encontram-se os dez *Études latines* compostos em Roma, em 1900, sobre poemas de Leconte de Lisle. Dentre eles, destaca-se “*Tyndaris*”, que fala das voluptuosidades do sono e do amor. As outras obras presentes neste recital pertencem a uma das duas coleções de *Vingt mélodies* que recolhem parte das mais de 120 canções que ele escreveu. Adorado pela alta sociedade, Reynaldo Hahn foi amigo íntimo da atriz Sarah Bernhardt e amante do escritor Marcel Proust.

Escrevendo óperas, música instrumental e vocal, o parisiense ALFRED BACHELET (1864-1944) é hoje um nome quase inteiramente esquecido. Estudando no *Conservatoire*, ganhou o disputado *Prix de Rome* em 1890. A partir de 1907, trabalhou na Ópera de Paris como regente do coro e, em seguida, como regente principal. Abandonou seu cargo em 1919, para substituir Guy Ropartz na direção do Conservatório de Nancy, onde permaneceu até o final de seus dias. Alguns intérpretes refinados ainda se lembram de sua canção *Chère nuit*, sobre poema de Eugène Adénis-Colombeau, escrita em 1897 para a famosa soprano australiana Nellie Melba. Sobre arpejos do piano, a voz desfia, à maneira algo impressionista, uma linha melódica que transforma os sentimentos noturnos em um canto que reúne lirismo e vocalidade algo operística.

A *romanza* italiana, por sua volta, transformou-se facilmente em canção destinada ao salão aristocrático e burguês. É verdade que, anteriormente, ela já possuía um objetivo, pois destinava-se às aulas de canto que faziam parte da educação da elite da época. Mas o fato é que as *romanze* alcançaram enorme repercussão por toda a Europa,

tendo Londres como um dos principais polos de atividade, no tocante à composição, à interpretação e à edição dessas peças leves.

FRANCESCO PAOLO TOSTI (1846-1916), italiano naturalizado inglês em 1906 e enobrecido dois anos mais tarde pela rainha Vitória, foi um dos compositores de canções prediletos de várias gerações de cantores, de Enrico Caruso a Luciano Pavarotti e Plácido Domingo. Tendo estudado no Conservatório de Nápoles com Mercadante, Tosti apurou seu extraordinário talento natural para a criação de melodias marcantes e memoráveis, que ele apoiava em textos exageradamente românticos. Alcançou a celebridade a partir da década de 1880 como cantor, organizador de espetáculos e professor de canto a serviço da família real britânica. Quase tudo que escreveu, cerca de quinhentos números de opus, foi destinado à voz com acompanhamento de piano. Os textos podiam ser em francês (nas *mélodies*), em italiano (nas *canzone*) ou em inglês (nas *ballads*). Em qualquer língua, essas canções mostram-se banhadas em sentimentalismo, e sua linha de canto, perfeitamente adaptada à voz, exibe uma expressividade à flor da pele. Tosti deixou cerca de 70 canções inglesas, nas quais combinou o lirismo italiano com o hiper-romantismo da *British ballad*. Retornou definitivamente à Itália em 1912, sendo ali festejado por Verdi, Puccini, Leoncavallo e Mascagni. (Muitas de suas canções, que combinam elementos napolitanos a outros provenientes dos Abruzos, tornaram-se peças obrigatórias do repertório ouvido há muitas décadas nas cantinas e pizzarias de São Paulo.)

OTTORINO RESPIGHI (1879-1936) pertenceu à geração de músicos que iniciou sua carreira nas primeiras décadas do século XX, procurando dar à arte da Itália uma feição que não fosse mais exclusivamente operística. Violinista, violista e pianista de talento, Respighi dedicou-se à música de câmara e à instrumental. Mas destacou-se acima de tudo como autor de poemas sinfônicos de caráter visual, como *Pinheiros de Roma*, *Fontes de Roma*, *Vitrais de Igreja* e *Impressões Brasileiras*, assim como por obras baseadas na música antiga da Península (*Concerto Gregoriano*, entre outras). Além de transcrições e adaptações de obras antigas, Respighi deixou óperas e balés. E cultivou a canção artística com bastante gosto, legando-nos cerca de 50 peças. Rejeitando o ve-

lho *romance* romântico por julgá-lo por demais superficial, o compositor concebeu canções de sutil cantabilidade, por vezes enfeitadas com toques impressionistas, mas sempre com uma variada paleta de emoções de expressão italiana.

Alguns dos outros compositores escolhidos para o recital desta noite tiveram presença menos marcante no panorama da música italiana da época (à exceção de Toscanini). Esse é o caso de PIERADOLFO TIRINDELLI (1858-1937), cultor extensivo da arte de salão, lembrado sobretudo pela canção *Amor, amor!*, com texto de Ada Negri. Algo semelhante ocorreu com PIETRO CIMARA (1887-1967), antigo aluno de Respighi que deixou algumas canções de sabor tipicamente italiano, como *Scherzo*. Já ARTURO TOSCANINI (1867-1957), como é sabido, foi um dos maiores regentes de sua época, perfeccionista e democrata intransigente. Suas leituras hiperatentas de partituras clássicas, românticas e mesmo modernas mantêm seu nome dentre os dos mais respeitados mestres da batuta do século XX. Escreveu música considerada “pouco ambiciosa”, como *Nevrosi*, publicada em 1884. RICCARDO ZANDONAI (1883-1944), por sua volta, foi o derradeiro representante de alguma importância da estética verista, gênero de Realismo levado ao palco de ópera por Mascagni e Puccini. “Paolo, datemi pace!” é um episódio incluído na cena de amor de Paolo e Francesca, da ópera *Francesca da Rimini* (1914), com libreto baseado em obra de Gabriele D’Annunzio.

Comentários de J. Jota de Moraes

Edição SERGIO TELLAROLI

Projeto gráfico CARLO ZUFELLATO e PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA

Editoração eletrônica BVDA / BRASIL VERDE

Fotos não creditadas DIVULGAÇÃO

Assessoria de Imprensa EDISON PAES DE MELO (Editor)

CTP e impressão IPSIS